

Charlotte Rogan

OS SOBREVIVENTES

Tradução
Mário Dias Correia

teorema

Primeiro dia

O primeiro dia no salva-vidas foi de silêncio quase total. Calados, cada um de nós assimilava ou recusava assimilar o drama que se desenrolava nas fervilhantes águas à nossa volta. John Hardie, um experiente homem do mar e o único membro da tripulação a bordo do Salva-vidas 14, assumiu imediatamente o comando. Atribuiu lugares com base na distribuição do peso, e porque éramos muitos e o escaler ia sobrecarregado, proibiu quem quer que fosse de pôr-se de pé ou deslocar-se sem autorização. Em seguida tirou um leme do sítio onde estava arrumado, debaixo dos bancos, fixou-o no seu lugar e ordenou que quem soubesse remar pegasse num dos quatro compridos remos, de que logo se apoderaram três homens e uma robusta mulher, chamada Mrs Grant. Mr Hardie disse-lhes que se afastassem o mais possível do navio que se afundava, gritando-lhes: «Remem com gana, a menos que queiram ser sugados para o fundo e morrer!»

Com os pés firmemente plantados nas tábuas do fundo e o olho atento, guiava-nos habilmente, desviando-nos de tudo o que nos bloqueasse o caminho, enquanto os quatro remavam em silêncio, os músculos retesados e os nós dos dedos brancos. Alguns dos outros agarraram as pontas dos compridos remos para ajudar, mas não tinham prática e as pás tão depressa deslizavam

sobre a água ou a cortavam transversalmente como entravam nela a direito e nos impulsionavam para a frente, como deveria acontecer. Eu fazia força com os pés contra o fundo do barco, por simpatia, e a cada remada retesava os ombros, como se, por qualquer magia, isso pudesse ajudar a nossa causa. De vez em quando, Mr Hardie quebrava o chocado silêncio dizendo coisas como «Mais duzentos metros e devemos ficar a salvo», ou «Mais dez minutos e afunda-se, no máximo doze», ou «Noventa por cento das mulheres e crianças foram salvos». Eu encontrava conforto nestas palavras, apesar de acabar de ver uma mãe lançar à água a filha pequena, saltar atrás dela e desaparecer. Não soube se Mr Hardie tinha assistido à cena, mas suspeitei que sim, pois os olhos negros que saltavam de um lado para o outro por baixo das pesadas sobrancelhas pareciam absorver todos os pormenores da nossa situação. Fosse como fosse, não o corriji, nem o considere culpadado de uma mentira. Em vez disso, vi nele um líder a tentar inspirar confiança às suas tropas.

Porque o nosso salva-vidas tinha sido um dos últimos a ser arriado, o mar à nossa frente estava congestionado. Vi dois escalerres colidirem quando tentavam evitar uma massa de destroços flutuantes, e um centro calmo no meu espírito foi capaz de compreender que Mr Hardie estava a apontar para uma zona desimpedida, longe dos outros. Tinha perdido o quépi, e com os cabelos desgrenhados e os olhos chamejantes, parecia tão adequado ao desastre como nós estávamos aterrorizados. «Força com esses remos, marujos», gritava, «mostrem-me de que massa são feitos!», e os que remavam redobravam o seu esforço. Ao mesmo tempo, houve uma série de explosões atrás de nós, e os choros e gritos das pessoas que ainda estavam a bordo do *Empress Alexandra* ou na água perto do navio soavam aos nossos ouvidos como o inferno deve soar, se existe. Olhei para trás e vi o enorme casco do paquete estremecer e balouçar, e pela

primeira vez reparei nas chamas que lambiam as janelas dos camarotes.

Passámos por tábuas partidas e por barris meio submersos e por pedaços de corda que pareciam cobras. Reconheci uma cadeira de convés e um chapéu de palha e o que me pareceu ser uma boneca de criança que flutuavam juntos, tristes lembranças do bom tempo que fizera ainda naquela manhã e da atmosfera de festa que se respirava a bordo. Quando chegámos junto de três pequenos barris que balouçavam em grupo, Mr Hardie exclamou «Aha!» e ordenou aos homens que recolhessem dois, e em seguida guardou-os no espaço por baixo do assento triangular formado pela pontiaguda popa do escaler. Garantiu-nos que continham água doce e que uma vez salvos do vórtice criado pelo afundamento do navio poderíamos precisar de ser salvos da sede e da fome. Na minha opinião, o bordo da pequena embarcação estava já perigosamente perto da superfície da água e só podia acreditar que parar fosse pelo que fosse ia reduzir as nossas hipóteses de atingir a tal distância crítica do navio que se afundava.

Havia também corpos a flutuar na água, e pessoas vivas agarradas aos destroços – vi outra mãe com um filho, a criança de rosto lívido a estender os braços para mim e a gritar. Quando nos aproximámos, vimos que a mãe estava morta, o corpo flacidamente atravessado sobre uma prancha de madeira, os cabelos louros espalhados à volta da cabeça na água verde. O rapaz usava um minúsculo laço de pescoço e suspensórios, e pareceu-me ridículo a mãe tê-lo vestido de uma maneira tão pouco adequada, apesar de eu própria estar sobrecarregada pelo peso de um espartilho e uns saiotes e umas botas de macio calfe recentemente compradas em Londres. «Mais um pouco para este lado e conseguimos chegar à criança!», gritou um dos homens, mas Mr Hardie respondeu: «Ótimo, e qual de vocês quer trocar de lugar com ela?»

Mr Hardie tinha uma rude voz de marinheiro. Eu nem sempre conseguia perceber tudo o que dizia, mas isso só servia para aumentar a confiança que me inspirava. Conhecia aquele mundo de água, falava a sua língua, e quanto menos eu o compreendesse maior era a possibilidade de que fosse compreendido pelo mar. Ninguém tinha uma resposta para lhe dar, e deixámos ficar para trás a criança que gritava. «Com certeza podíamos ter trocado um desses barris pela pobre criança!», resmungou um homem pequeno e magro sentado perto de mim, mas isso significaria voltarmos para trás, e as nossas paixões a favor da criança, que tinham flamejado fugazmente, faziam já parte de um passado que se afundava, de modo que ficámos calados. Só o homenzinho falou, mas a sua débil voz mal se ouviu acima do ranger rítmico dos toletes, do rugido do fogo e da cacofonia de vozes humanas que gritavam instruções ou pedidos de socorro: «É apenas um rapazinho. Quanto pode pesar um garoto tão pequeno?» Vim mais tarde a saber que o homem era um diácono anglicano, mas na altura desconhecia os nomes e as ocupações dos outros passageiros. Ninguém lhe respondeu. Em vez disso, os remadores vergavam-se na sua tarefa, e nós, os outros, vergávamo-nos com eles, porque parecia ser a única coisa que podíamos fazer.

Pouco depois, encontrámos dois nadadores que se dirigiam para nós com fortes braçadas. Um após o outro, agarraram-se à corda de socorro presa à volta do perímetro do escaler, apoiando nela peso suficiente para que pequenas chapadas de água comesçassem a entrar, saltando por cima da borda. Um dos homens captou a minha atenção. Tinha o rosto cuidadosamente escanhado e lívido de frio, mas o clarão de alívio que lhe brilhava nos olhos azuis era inconfundível. Por ordem de Mr Hardie, os remadores sentados mais perto dele soltaram com pancadas um par de mãos antes de se voltarem para o homem dos olhos azuis. Ouvi o bater da madeira no osso. Então Mr Hardie ergueu a

pesada bota e atingiu com força o rosto do homem, arrancando-lhe um grito de angustiada surpresa. Era impossível desviar o olhar, e nunca tive tanta pena de um ser humano como tive daquele homem sem nome.

Se descrevo o que acontecia a estibordo do Salva-vidas 14, dou necessariamente a impressão de que não havia mil outros dramas a ocorrer nas turbulentas águas a bombordo e à popa. Algures naquela imensidão estava o meu marido, Henry, sentado num escaler e a afastar à pancada as mãos de pessoas, como nós fazíamos, ou a tentar salvar-se e a ser ele próprio repellido à pancada. Ajudava-me recordar que o Henry fora enérgico nos seus esforços para me conseguir um lugar num escaler, e não duvidava de que tinha sido igualmente enérgico a seu próprio favor; mas seria o Henry capaz de agir como Mr Hardie acabava de fazer se a sua vida dependesse disso? A ideia da crueldade de Mr Hardie é uma coisa a que os meus pensamentos teimam em voltar. Fora sem dúvida horrível, nenhum de nós teria sem dúvida sido capaz de tomar as tremendas e instantâneas decisões exigidas a um líder naquelas circunstâncias, e foi sem dúvida o que nos salvou. Discuto que se possa sequer chamar-lhe crueldade quando qualquer outra ação teria inevitavelmente significado a morte para todos nós.

Não havia vento, mas mesmo com o mar chão a água saltava por vezes por cima da borda do sobrecarregado escaler. Aqui há dias, os advogados levaram a cabo uma experiência para provar que mais um adulto de peso médio numa embarcação daquele tamanho e tipo nos teria imediatamente colocado a todos em perigo. Mr Hardie sabia disto e teve a coragem de agir com base nesse conhecimento, e foram as suas ações naqueles primeiros minutos e horas que definiram para todos nós a diferença entre continuar a viver ou encontrar uma sepultura no fundo do mar. Foram também as suas ações que levaram Mrs Grant, a mais forte

e menos tímida das mulheres, a voltar-se contra ele. «Bruto! Volte para trás e salve ao menos a criança», disse, apesar de ser seguramente tão claro para ela como para qualquer de nós que se voltássemos para trás não sobreviveríamos. Com estas palavras, no entanto, Mrs Grant ficou rotulada como uma humanitária e Mr Hardie como um demónio.

Também houve exemplos de nobreza. As mulheres mais fortes cuidaram das mais fracas, e é um testemunho à tenacidade dos remadores o facto de nos termos distanciado tão rapidamente do navio que soçobrava. Mr Hardie, pelo seu lado, estava inabalavelmente decidido a salvar-nos, e depressa distinguiu aqueles de nós que se confiavam à sua guarda dos que se colocavam fora dela. Nós demorámos mais tempo a fazer a distinção. Durante vários dias, tive tendência para me identificar menos com o Salva-vidas 14 do que com os meus companheiros de viagem da primeira classe do *Empress Alexandra*, e quem não teria? Não obstante as dificuldades de anos recentes, estava habituada ao luxo. O Henry tinha pagado mais de quinhentos dólares pelas nossas passagens em primeira classe, e eu continuava a ver-me chegar em triunfo à minha cidade natal, não como a esfarrapada sobrevivente de um naufrágio, não como a filha de um homem de negócios falido, mas como a convidada de um jantar de boas-vindas, enfeitada com os vestidos e as joias que naquele momento jaziam no lodoso e escuro fundo do mar. Imaginava o Henry a apresentar-me finalmente à mãe, cuja resistência ao meu encanto se evaporava agora que o nosso casamento era um *fait accompli*. E imaginava os homens que tinham burlado o meu pai a abrirem caminho por entre a multidão só para serem publicamente rejeitados por todos. Mr Hardie, para seu crédito ou maldição, adaptou-se imediatamente às nossas novas circunstâncias, uma capacidade que atribuo à sua alma de marinheiro e ao facto de ter havia muito perdido as suas sensibilidades mais finas,

se alguma vez as tivera. Prendeu uma faca à cintura e substituiu o quépi perdido por um trapo de origem desconhecida, o que criava um gritante contraste com os botões dourados do casaco; mas estas alterações ao uniforme pareciam-me prova das suas aptidões e capacidade de adaptação e só serviram para reforçar a minha fé na sua liderança. Quando finalmente me lembrei de olhar em redor e procurar outros salva-vidas, vi-os como pequenos pontos ao longe, o que me pareceu um bom sinal, pois o mar aberto era um lugar de relativa segurança depois do caos e da agitação que tinham rodeado o naufrágio.

Mr Hardie deu às mulheres mais fracas os melhores lugares e tratava-nos por «minha senhora». Inquiria sobre o nosso bem-estar como se houvesse alguma coisa que pudesse fazer para remediar o que estivesse mal, e ao princípio as mulheres mentiam e diziam que estavam bem, embora qualquer pessoa pudesse ver que o pulso de Mrs Fleming pendia num ângulo pouco natural e que uma precetora espanhola chamada Maria tinha entrado em choque. Foi Mrs Grant que improvisou uma tala para o braço de Mrs Fleming e foi Mrs Grant a primeira a perguntar em voz alta como fora Mr Hardie parar ao nosso escaler. Soubemos, mais tarde, que embora os protocolos de emergência estabelecessem a presença de um marinheiro treinado em cada salva-vidas, o capitão Sutter e a maior parte da tripulação tinham ficado no navio, a ajudar as pessoas a entrar para os salva-vidas e a tentar manter a ordem quando o pânico se instalara. Nós próprios tínhamos visto, através da distância que pouco a pouco ia aumentando, como a pressa frenética com que tripulantes e passageiros tinham tentado arriar os salva-vidas fora contraproducente, porque o navio que se afundava estava dramaticamente inclinado, uma condição agravada pela deslocação e embate de tudo o que se encontrava no seu interior, de tal modo que quando o nosso escaler estava a ser descido já não era uma linha perpendicular

do convés até à água. Não só a pequena embarcação corria o risco constante de chocar contra a íngreme vertente do costado do navio ou prender-se em qualquer coisa e voltar-se, como os homens que manobravam as roldanas tinham de fazer um esforço enorme para baixar a proa e a popa à mesma velocidade. Um escaler lançado imediatamente a seguir ao nosso voltou-se de quilha para cima e despejou no mar toda a sua carga de mulheres e crianças. Vimo-las gritar e debaterem-se na água, mas não fizemos nada para as ajudar, e sem Mr Hardie a dirigir-nos teríamos quase de certeza sofrido a mesma sorte. Depois de tudo o que aconteceu, posso responder afirmativamente à minha pergunta: se Mr Hardie não tivesse afastado à pancada as pessoas que se agarraram ao nosso barco, tê-lo-ia feito eu própria.

Noite

Estávamos no salva-vidas havia talvez cinco horas quando o céu passou de um tom de rosa carregado para azul, e depois para púrpura, e o sol pareceu inchar à medida que descia para a linha cada vez mais escura do horizonte aquático a oeste. Víamos ao longe as formas negras de outros salva-vidas, a balouçar como nós balouçávamos, pousados naquela vastidão rosada e negra sem nada que fazer senão esperar, a nossa sorte nas mãos de outras tripulações e outros capitães que entretanto já deviam saber da nossa tragédia.

Eu tinha estado ansiosa pela escuridão devido a uma necessidade premente de aliviar a bexiga. Mr Hardie explicara o modo como devia ser feito. Envolvia, no caso das senhoras, usar um dos três baldes de madeira cujo objetivo primário era retirar o excesso de água do fundo do barco. Tropeçara atabalhoadamente nas palavras ao sugerir que um dos baldes fosse confiado à guarda de Mrs Grant, e que devíamos falar com ela quando tivéssemos necessidade dele, e que devíamos trocar de lugar com alguém que estivesse sentado junto à borda sempre que a natureza ditasse que precisávamos desse género de serviço. «Hum!», dissera, a espreitar de baixo das espessas sobranceiras de uma maneira quase cómica. «Pronto, é isso! Tenho a certeza de que hão de descobrir como.» Ele, que parecera tão seguro de si mesmo

quando, minutos antes, enunciara a lista dos abastecimentos transportados em cada salva-vidas e expusera o uso de cada um deles, perdia o dom da fala naquela tarefa.

Quando a orla alaranjada do disco solar desapareceu finalmente no oceano, esperei a minha vez de levar o balde para junto da borda. Para minha consternação, reparei que apesar de o céu se ter tornado negro e a noite ter caído por completo, o preto tinha texturas, e fontes de luz, e sombras, e, por trás das sombras, olhos. Foi com desalento que descobri que a noite não era o manto protetor que esperara, e também que éramos tantos num espaço tão pequeno que não havia maneira de disfarçar o que estava a fazer. Agradei às forças, fossem elas quais fossem, que governavam o destino das pessoas o facto de estar rodeada sobretudo de mulheres, e de elas terem a delicadeza de sentimentos de fingir não reparar no que eu fazia. Estávamos, ao fim e ao cabo, todas nas mesmas circunstâncias, e assim nasceu uma etiqueta tácita nos termos da qual não olharíamos nos olhos a besta da necessidade física. Ignorá-la-íamos, desafiá-la-íamos a desfazer com as garras a nossa noção de decoro, preservaríamos a civilidade mesmo face a um desastre que quase nos matara e podia ainda matar-nos.

Senti-me imensamente aliviada, de várias maneiras, quando o serviço ficou feito. Estivera tão preocupada a pensar na maneira como ia realizá-lo que mal prestara atenção a Mr Hardie quando ele fizera o resumo da situação e o inventário dos abastecimentos. Estava agora em condições de compreender que cada salva-vidas vinha equipado com cinco mantas, uma boia de salvação presa a uma comprida corda, os três baldes de madeira, duas latas de biscoitos duros, um barril de água doce e dois púcaros de lata. Além destas provisões, Mr Hardie conseguira arranjar um pedaço de queijo e alguns pães, e recuperar do meio dos destroços dois barris adicionais de água doce, que assumia terem pertencido a um salva-vidas que se voltara. Disse-nos que houvera em tempos uma

caixa com bússolas armazenada no convés do *Empress Alexandra*, mas que desaparecera numa viagem anterior e, porque o armador do navio antecipara a data de partida com receio da guerra que se preparava na Áustria, não chegara a ser substituída. «Podem dizer o que quiserem, mas os marinheiros não são mais nem menos honestos do que qualquer outra pessoa.» Fez também questão de nos dizer que só graças à sua rapidez de decisão continuávamos a ter connosco a cobertura de lona que normalmente protegia o escaler da chuva quando estava arrumado no convés. «Mas para que é que precisamos dela?», perguntou Mr Hoffman. «É terrivelmente pesada e ocupa imenso espaço.» Mas tudo o que Mr Hardie respondeu foi: «Uma pessoa pode molhar-se muito num barco deste tamanho, como acabarão por descobrir se ficarmos aqui o tempo suficiente.» A maior parte de nós usava coletes salva-vidas, mas tinham estado guardados nos camarotes e, durante a confusão do desastre, nem toda a gente tivera tempo ou capacidade de previsão para os ir buscar. Mr Hardie, duas irmãs que estavam sentadas agarradas uma à outra e raramente falavam e um senhor já de idade chamado Michael Turner contavam-se entre os que o não tinham.

Pouco depois de eu ter voltado ao meu lugar, Mr Hardie abriu uma das latas e apresentou-nos os biscoitos, que eram umas bolachas duras como pedra com aproximadamente quatro centímetros de comprimento por três de largura e impossíveis de engolir a menos que fossem primeiro amolecidas com saliva ou água. Segurei o biscoito entre os lábios até que alguns pedaços começaram a dissolver-se e ergui os olhos para o céu que não era assim tão negro e para as miríades de estrelas que salpicavam o firmamento, para a infinitude da atmosfera que era a única coisa ainda mais vasta do que o mar, e enderecei uma prece à força da natureza que ordenara os acontecimentos até ao momento e pedi-lhe que guardasse o meu Henry.

Sentia-me esperançada, mas à minha volta as mulheres começaram a ceder e a chorar. Mr Hardie pôs-se de pé no escaler que balouçava e disse:

— Os vossos entes queridos podem estar mortos ou podem não estar. Há uma boa possibilidade de se encontrarem num desses outros salva-vidas espalhados por aí, de modo que o melhor é não desperdiçarem em lágrimas a água dos vossos corpos.

Não obstante estas palavras, pequenos queixumes e gemidos ergueram-se da escuridão ao longo de toda a noite. Sentia a jovem sentada a meu lado estremecer de vez em quando e, a dada altura, um grande soluço animal escapou-se-lhe da garganta. Toquei-lhe ao de leve no ombro, mas o gesto pareceu perturbá-la ainda mais, de modo que retirei a mão e fiquei a ouvir a música calmante da água a lambar o casco do escaler. Mrs Grant andou de um lado para o outro, passando por cima dos bancos, a tentar confortar as mais abaladas, até que Mr Hardie lhe pediu que se sentasse e nos avisou de que seria sensato acomodarmos-nos o mais confortavelmente possível e tentarmos descansar um pouco, o que fizemos como pudemos, encostando-nos umas às outras e oferecendo ou pedindo apoio de acordo com as nossas necessidades e capacidades. Contra tudo o que seria de esperar, a maior parte de nós conseguiu adormecer.